

Agradecimentos

Antes de mais nada, gostaria de prestar uma pequena homenagem à Prof^aDr^aHelena M. C. Ferraz. Ela foi quem primeiro me mostrou a beleza da síntese orgânica em um memorável seminário, que assisti há uns 10 anos atrás sobre o trabalho que era feito no seu grupo de pesquisa. Aquilo despertou em mim um grande interesse pela química orgânica e a pesquisa acadêmica. A Prof^aHelena, além de uma pesquisadora renomada, era uma pessoa adorável e muito querida. Por tudo isso, guardo por ela um sentimento de profundo respeito e carinho. Sentirei muito a falta dela...

Agora gostaria de começar os agradecimentos por aqueles que me orientaram nessa longa caminhada científica. Desse modo, destaco primeiramente, o Prof. Dr. Luiz Fernando da Silva Júnior por me conceder o privilégio de trabalhar em seu grupo de pesquisa, sendo o primeiro aluno totalmente “tálio free” do laboratório. Posso dizer sem nenhuma dúvida, que esse período que passei foi muito importante para mim e que não poderia ter encontrado lugar melhor para desenvolver as habilidades necessárias para a pesquisa. Mais que um químico orgânico, o Prof. Luiz sempre foi um estrategista capaz de mostrar de maneira clara o rumo a seguir para fechar um trabalho. Ele está sempre disponível para ajudar seus alunos, é uma característica da porta de sua sala estar sempre aberta.

Também aprendi a Lei de Paralelização, segundo o qual sempre dá para fazer pelo menos alguma coisa a mais em paralelo. No começo, não entendia direito de “fazer as coisas em paralelo”, mas com o tempo vi que é realmente a melhor maneira que conduzir o trabalho. Obrigado por essa lição importante.

Meu segundo orientador é uma história à parte. O Prof. Dr. Norberto Peporine Lopes, vulgo Betão, tinha uma energia que não se vê em muitas pessoas. Sempre fazendo várias coisas ao mesmo tempo, parecia até que ele era ligado em 330V. Nada derrubava esse camarada, que era capaz de ir dormir às 3 h da manhã e acordar às 6 h como se nada tivesse ocorrido. Cheio de histórias para contar, ficar perto dele é certeza de horas de diversão. Graças à sua experiência e motivação, pude aprender bastante sobre a técnica de espectrometria de massas e com isso conseguimos emplacar um artigo sobre o mecanismo de desproporção de iodo hipervalente por ESI-MS.

Já a terceira orientação foi de nível internacional. Refiro-me ao Prof. Dr. Athanassios Giannis da Universidade de Leipzig (Alemanha), que me aceitou em seu laboratório, onde pude executar um trabalho bem interessante. Lá aprendi lições importantes que levarei comigo por toda a vida sobre pesquisa e convívio entre diferentes povos, além de viver uma cultura nova que me enriqueceu tanto profissionalmente como no âmbito pessoal.

Aproveito para agradecer também ao Prof. Dr. Nicola Petragani e Prof. Dr. Diogo S. Lüdtkke pelas contribuições na banca de Qualificação.

Ao Prof. Dr. Massuo Kato e Prof. Jonas Gruber pelo convívio, conversas, conselhos e amizade.

Deixando os que orientaram para falar dos que foram orientados, quero falar dos alunos de iniciação científica. Ahhhh, os alunos de I.C.!!! São eles que dão um colorido especial ao nosso trabalho. E um trabalhão para ajudá-los também. Devo dizer que fui muito sortudo em ser contemplado com excelentes alunos de iniciação, cada um com seu jeito.

Meu primeiro aluno de I.C. foi o Mário, que tinha um temperamento forte e impulsivo, o que lhe rendia vitalidade para encarar os desafios da bancada. Sua iniciativa era impressionante!!! Sempre trazendo algum artigo que pudesse resolver qualquer problema que tivesse. Seu conhecimento de química também era notável, podia-se discutir a química das nossas reações sem nenhum problema. Logo aprendeu tudo o que precisava e passou a trabalhar cada vez mais independentemente como ele sempre quis. Destaca-se também sua inusitada capacidade de expressar suas opiniões na forma de uma pergunta. Não é de se surpreender que com todo esse talento tenha conseguido uma vaga na Novartis.

Minha segunda aluna foi a Eloísa, que desde o primeiro momento mostrou aquele brilho nos olhos de quem realmente gosta do que faz. Infelizmente, nosso convívio foi curto, pois logo tive que viajar para a Alemanha. Ela também tinha uma iniciativa fora de série e uma vontade de aprender fenomenal, sem contar um charme todo especial e uma notável habilidade para o canto.

Minha última aluna de iniciação foi a Andréa, que me pegou numa época meio conturbada da minha vida, voltando da Alemanha e já tendo que escrever relatórios e terminar alguns experimentos restantes do projeto iniciado em Leipzig. Essa menina é bastante engajada, levando além do curso de química, os trabalhos no laboratório e as obrigações do Centro Acadêmico. Ela também é bastante esforçada, tentando levar da melhor forma possível todas as suas responsabilidades, contudo sem perder a ternura.

No grupo dos alunos que não orientei, mas convivi bastante estão o Carlos e o André. Ao Carlos terminei por prestar uma pequena assistência por um breve período, quando o Samir tinha terminado seu trabalho no laboratório. Ele mostrou uma grande determinação, persistindo onde outros desistiriam. Como grande qualidades estão sua “preguiça criativa e inovadora” em sempre querer achar um jeito mais fácil e rápido de fazer as coisas e a sua inocência meio “sem noção” de não ter nenhuma censura em falar o que pensa ou perguntar o que quer. Isso sem contar seus eternos questionamentos e suas ponderações sobre o imponderável. Como sempre falei para ele, se ele não existisse, teriam que inventá-lo.

O André, também conhecido como Fog não foi meu aluno de IC, mas nem por isso se viu livre das minhas intervenções. Ele é bastante dedicado, competente e sempre que tinha dúvidas não hesitava em fazer uso da experiência dos seus colegas pós-graduandos. Como vivia sempre pedindo ajuda e orientação, eu costumava brincar com ele falando:

- Tu é “forgado”!!!

Longe de ser folgado, essa demanda era reflexo de sua iniciativa que levava a um rendimento no laboratório muito bom. Além disso, estávamos sempre trocando “palavras de incentivo” em alemão para não deixar cair o ritmo.

Agora é hora de falar dos colegas, a quem devo muito do meu doutorado e com os quais dividi alegrias, tristezas, conquistas, frustrações e também um pouco de química. Começo pelo meu amigo e irmão de coração Samir. Dono de uma inteligência incomum, esta pessoa de uma bondade infinita nunca negava ajuda a ninguém. Sabia sempre resolver os problemas, quaisquer que fossem com o diálogo. Além disso, possui um sólido conhecimento de química de maneira que as nossas discussões regadas com café no corredor do bloco 6 eram grande inspiração para mim. Também me deu muito apoio

moral, psicológico e espiritual sempre que precisei. Foi sem dúvida nenhuma uma das melhores coisas que me aconteceram nesse doutorado. Valeu Brimo!!!

A Mestre Vânia, nossa mineirinha dona de um senso de humor sagaz. Essa moça corajosa, saiu de Minas Gerais para buscar seu sonho em São Paulo. Chegou de mansinho no laboratório, inicialmente meio “deslocada” do grupo. Não foi necessário muito tempo, para que ela com seu jeitinho mineiro entrasse em ressonância com a turma e que agora consiga manter a casa em ordem. Fiquei muito feliz que a Eloísa, minha ex-aluna de I.C., tenha sido orientada em seguida pela Vânia, tenho certeza que será uma interação bem proveitosa.

A Íris, também teve muita coragem de deixar sua terra natal buscando novos desafios em São Paulo e de se lançar na síntese orgânica. Além disso, ela é uma daquelas pessoas que sabem te conquistar, muito inteligente, de conversa fácil e bastante esperta. Também não esquecerei os bons chás mornos e sem açúcar que dividimos juntos.

O pessoal do lab do 11S (Profa. Dra. Graziela, Prof. Dra. Fernanda Amaral, Prof. Dra. Fernanda Bombonato, Prof. Dr. Marcus, Dra. Érica e Dr. Tiago e Me. Alexandra) com quem tive um menor contato devido à separação física dos laboratórios. Isto, porém, não impediu que tivéssemos um relacionamento cordial e amistoso durante este período.

Já no laboratório alemão conheci pessoas notáveis, como o Stephan Rigol. Quantas saudades tenho de nossos coffee breaks para repor as energias e agüentar o ritmo até mais tarde. Esse camarada não parecia alemão, pois não bebia cerveja e nem café, além de ser alegre e viver sorrindo. Sempre me falava “bom dia”, “até amanhã” e “bom fim de semana”. Definitivamente não era um alemão...

O Dr. Manolis era um grego muito figura. Esse colega não negava sua ascendência dos grandes filósofos da antiguidade e sempre vivíamos filosofando sobre a vida e suas vertentes. Não obstante aos debates filosóficos, trabalhava mais que qualquer chinês em laboratório estrangeiro.

Como no laboratório do Prof. Giannis existia uma filosofia de haver um aluno alemão do grupo incumbido de ajudar um aluno estrangeiro, terminei ganhando uma anjinha da guarda chamada Antje, que sempre me ajudou nas burocracias durante minha estadia em Leipzig. Além disso, sempre me convidava para festas e comemorações do grupo.

Também convivi com outros colegas alemães, dentre eles Marius, Katrin, Thomas, Margareth, Franciska, Anita, Anne, Dirk, Anna, Andreas, Anke, Sabine, Sebastian e Phillip sendo que ia almoçar com os 3 últimos quase todos os dias no Mensa, degustando da culinária germânica. Não posso esquecer dos alunos estrangeiros Jin (China), Fátima (Espanha), Vaso e Nikos (Grécia), além das técnicas de laboratório Frau Herold e Richter.

Outra pessoa fantástica com quem trabalhei foi o Dr. Lothar Hennig. Esse senhor bastante simpático, solícito e competente era o responsável pelo “pool” de RMN da faculdade de química da Universidade de Leipzig. Tinha um domínio incrível da técnica de RMN fosse ela 1D ou 2D. Era capaz de destrinchar um HMBC em poucas horas (talvez até menos). Ele gostava das minhas moléculas do 3º capítulo da tese, pois geravam um sistema de spin bem interessante. Com certeza a ajuda dele fez meu trabalho mais rápido e preciso.

Neste período do doutorado sandwich, residi na moradia estudantil e dividia o apartamento com um aluno de doutorado em química orgânica chamado Jan Mollitor. O Jan era muito gente boa e alguém que se podia contar quando se precisava de alguma coisa. Com ele pude entender alguns costumes alemães um tanto difíceis de compreender pela nossa cultura.

Dei muita sorte de encontrar uma brasileira chamada Luciana e seu marido José (Peru). Além de formarem um belo casal, eles ainda falavam português comigo e me acolheram calorosamente em seu lar. Confesso que nessa época estava sentindo falta de um pouco de calor humano sul-americano e o convívio com eles foi bastante confortável.

Nesse tempo, além de trabalhar bastante, pude aproveitar um pouco para desfrutar da cultura do velho mundo. Numas dessas oportunidades viajei para Munique, onde me hospedei no apto do agora Prof. Dr. Giuliano Clososki e pude conhecer o grupo

de pesquisa do Prof Knochel, além de participar de uma festa do grupo que ficará gravando em minha memória.

Também fiz bela uma viagem a Berlin, dessa vez com a companhia do Dr. Marcelo Alves da Silva, vulgo Sassá, que decidiu enfiar a mão no bolso e viajar para Inglaterra dando uma passadinha pela Alemanha. Quase perdemos o trem de volta para Leipzig!!! Mas essa é outra história...

Agradeço o convívio harmonioso com o pessoal dos laboratórios vizinhos do Prof. Comasseto e do Prof. Wilhelm, eternos irmãos que compartilhamos reagentes, vidrarias, conselhos, sonhos e frustrações.

Ao povo do B5, o Derisvaldo (Mr. Entusiasmo), o Andreas (General) e a Jamille (moça dos lindos cachos encaracolados)

Agora falando daqueles que cuidaram da gente nesta jornada, quero citar o grande Joca. Putz, o Joca!!! O que seria de nós sem a ajuda dele. Não me refiro apenas ao seu cuidado com os solventes, com a compra de materiais e outras inúmeras responsabilidades. Mas também de sua visão única de mundo e sabedoria que ele compartilha conosco.

A sempre alegre D. Rosa, pela sua eterna paciência e sabedora de muitos casos interessantes.

Ao pessoal do B19 onde afogava minhas inquietações com um ótimo cappuccino bem tirado.

Ao grupo da Central Analítica, em especial à Miriam, à Cris e ao Márcio com quem sempre tive um contato mais direto e tenho uma eterna dívida de tanta ajuda que me deram.

Ao pessoal da CPG pelas inúmeras orientações durante o período de doutorado.

Quero agradecer muito a minha família que me apoiou durante essa empreitada e que sem a ajuda deles tudo teria sido bem mais difícil.

Por último, mas não por isso menos importante, quero agradecer às agências de fomento CNPq e CAPES pelas bolsas de doutorado e doutorado-sandwich, sem as quais não seria possível a concretização desse sonho.